

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SVEN NYKVIST – O CULTO DA LUZ VIVA
10 e 13 de janeiro de 2022

THE LAST RUN / 1972

(A Última Fuga)

um filme de Richard Fleischer

Realização: Richard Fleischer / **Argumento:** Alan Sharp / **Fotografia:** Sven Nykvist / **Direção Artística:** Roy Walker, José Maria Tapiador / **Montagem:** Russell Lloyd / **Música:** Jerry Goldsmith / **Intérpretes:** George C. Scott (Harry Garmes), Tony Musante (Paul Rickard), Trish Van Devere (Claudie Scherrer), Collen Dewhurst (Monique), Aldo Sanbrell (Miguel), Robert Coleby (motard), António Tarruella, Robert Creeley, Robert J. Zurica, Rocky Taylor.

Produção: Carter De Haven, para a MGM/ **Cópia:** 35mm, colorida, versão original legendada em espanhol e eletronicamente em português, 95 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, em 7 de Julho de 1971/ **Estreia em Portugal:** Condes, em 26 de Novembro de 1971.

Após a sua última obra-prima, **Ten Rillington Place**, Richard Fleischer dirige de enfiada uma série de quatro filmes que se podem incluir entre os seus melhores trabalhos, **The Last Run**, **The New Centurions**, **Soylent Green** e **The Don Is Dead**. Os dois primeiros têm também algo que os aproxima, constituindo, de certo modo, um díptico, que têm como traço comum o actor George C. Scott, em ambos interpretando figuras de «losers», de perdedores, perdidos também num mundo que já não é o deles, e regidos por valores do passado. As personagens são complementares até nos trabalhos a que se dedicam: em **The Last Run** é um gangster «aposentado» e em **The New Centurions** é um polícia em fim de carreira e que acaba por se reformar. O fim de um é um eco do fim do outro.

Na carreira de Fleischer, **The Last Run** é também um filme de «transição». Após a passagem por Inglaterra na sequência do fim da colaboração do realizador com Zanuck em **Tora! Tora! Tora!**, **The Last Run** é um filme que tem por pano de fundo a península ibérica. Sendo o que se pode chamar de «road movie» podemos ver nele a «passagem» de regresso de Fleischer aos Estados Unidos onde vai filmar **The New Centurions**. É um filme de «transição» também pelo facto de reflectir as mudanças porque passava o cinema americano e a forma como Fleischer se (não) adaptava aos novos métodos de produção. De certo modo, especulando um pouco nos reflexos destas mudanças na obra de um autor, podia-se ver nas personagens de George C. Scott nestes dois filmes (assim como na de Edward G. Robinson em **Soylent Green**) um pouco da personalidade de Fleischer. **The Last Run** é bastante significativo disto, apesar de não ter sido pensado, nem previsto, para este realizador.

The Last Run tem argumento de Alan Sharp (que no seu activo títulos como **The Night Moves/Um Lance no Escuro**, de Arthur Penn, **Ulzana's Raid/Ulzana o Perseguido**, de Robert Aldrich e **The Osterman's Weekend/O Fim de Semana de Osterman**, de Sam Peckinpah) e estava originalmente previsto para ser realizado por John Huston. Mas este entregou-se de tal forma à reescrita do argumento que o actor, cansado de mudanças, ao ler o resultado destas, deu um murro na mesa e declarou: «Aguentem um pouco. Não foi este argumento que aceitei interpretar. Não farei, de modo nenhum, este novo argumento». «Exit» Huston e entra Fleischer, contratado por Carter de Haven o produtor, que retomou o argumento original.

The Last Run é, como dissemos, um «road movie». Começa em Portugal, no Algarve (por paisagens nem sempre reconhecíveis) e no Algarve termina, depois de fazer um périplo pela península ibérica e entrar em França. A primeira cena, como em todos os filmes de Fleischer, é significativa: numa garagem fechada um homem trata cuidadosamente de um carro. O acto não é gratuito, nem está ali apenas para preencher o genérico. Entre o carro e a personagem, Harry Garmes (Scott) há uma espécie de «elo», ou de «correia de transmissão», funcionando um em função do outro. De certo modo, e dado que o «road movie» americano é sempre um «western» desfasado no tempo, o carro representa aqui o papel que no western tem o cavalo. Garmes, aliás, gangster retirado, assemelha-se aos velhos pistoleiros do Oeste, resolvido a levar a sua missão até ao fim mesmo que saiba que não tem saída e que este não é já o seu tempo (A personagem, e a sua morte, lembram a de Burt Lancaster em **Ulzana's Raid** que, como dissemos, foi também escrito por Alan Sharp). A morte de Garmes, no final, é como a desses velhos pistoleiros do Oeste, fora do seu tempo e regendo-se por códigos caducos. E Fleischer, num único plano, mostra-nos esse espírito, e a ligação da personagem ao veículo: Garmes está moribundo na praia de Albufeira, vendo o par que ajudara fugir no barco. Na viela em que o carro ficara derrubado, um guarda desliga o motor e Garmes exala o último suspiro.

A missão de Garmes era ajudar na evasão de um preso em Espanha e transportá-lo a França. Durante a viagem, a que se junta a noiva do evadido, Claudie (Trish Van Devere, então esposa de George C. Scott, que aproveitou para meter também no elenco a sua mulher anterior, Colleen Dewhurst, no papel da prostituta, «honni soit qui mal y pense!»), começa a desenvolver-se uma relação de simpatia e rivalidade entre os dois homens. Mas ao contrário do que ambos julgavam, o objectivo era eliminar o evadido Rickard (Tony Musante), acabando este por ser salvo por Garmes. Resta-lhes agora, tentar o regresso a Portugal, de onde poderiam passar para o norte de África no barco de Garmes. A viagem de ida e volta representa assim o círculo vicioso que vai conduzir Garmes para o seu destino, representando a sua impossibilidade de lhe fugir, ele que, como dizia antes era um «morto adiado». Fleischer explora a paisagem ibérica de forma notável com a ajuda, na fotografia, do operador habitual de Ingmar Bergman, Sven Nykvist.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico